Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

22 DE OUTUBRO DE 1975

IMPROVISO NA VISITA DA COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL DA ARENA E DOS PRESIDENTES DE DIRETÓRIOS REGIONAIS DO PARTIDO. PALACIO DO PLANALTO. BRASILIA.

Agradeço as palavras do Presidente da ARENA, Deputado Francelino Pereira, a manifestação de solidariedade que traz em nome de todos os correligionários e a presença de todos os senhores, pois é uma oportunidade de revê-los e de estreitarmos um pouco mais o nosso contato, que deve ser cada vez maior.

Já disse na Convenção do Partido que o Governo e a ARENA se identificam, e essa identificação tem que ser cada vez mais nítida, cada vez mais forte e firme e que se realiza, não só através das mesmas idéias de apoio aos atos do Governo, mas, principalmente, pela nossa convivência, pelo diálogo, pela troca de opiniões e pelo conhecimento recíproco. Então, esta oportunidade de hoje é extremamente favorável a esse objetivo, e desejo externar a minha satisfação em recebê-los aqui. Acredito que esse encontro dos dirigentes estaduais da ARENA com os representantes do Diretório Nacional deve ser extremamente profícuo.

Isso porque, além da fixação de objetivos, dos métodos de trabalho, dos programas de ação, estreitam-se nossas relações. Como disse o Presidente Francelino, a reunião permitiu ter-se um quadro, um

painel real da situação do Partido em cada um dos Estados.

Para trabalharmos, evidentemente temos que ser realistas, temos que saber qual é a situação. Não nos iludimos com fantasias nem nos deixamos levar por pessimismos. Qualquer ação tem que ter por base a informação, e essa informação tem que ser real, tem que ser verídica, seja boa, seja má, para que se possa trabalhar bem em consonância com ela. É evidente que esses contatos, essas reuniões dos dirigentes estaduais com os dirigentes da ARENA Nacional são deveras importantes.

Acredito, e nesta oportunidade desejo ressaltar essa minha crença, que os Diretórios Regionais têm uma extraordinária importância no quadro de nossos trabalhos partidários.

As eleições se processam nos Estados. Embora caiba ao Diretório Nacional fixar diretrizes, objetivos e programas, a ação propriamente tem de partir dos Diretórios Estaduais, porque é através deles que vamos atingir os Diretórios Municipais. Há um encadeamento, há um conjunto de órgãos que se sucedem neste trabalho até chegar ao povo, que é finalmente quem vai dar vida ao Partido, pois é quem vai votar. Aí é que está a importância do Diretório Municipal. Mas quem vai acionar os Diretórios Municipais, vai orientá-los, vai fazê-los trabalhar no sentido geral partidário? São os Diretórios Estaduais. Quero destacar isso e acho que é preciso que os Diretórios Estaduais se compenetrem desse papel, desse trabalho.

Outro ponto importante, e que devemos analisar, é o da ação do Partido. O Partido tem que agir com persistência. O Partido não pode atuar somente em época de eleições. Tem que atuar permanentemente. Ele existe, é uma instituição constituiconal, e, portanto, tem que funcionar. Mas ele não deve funcionar e mobilizar o povo apenas antes das eleições.

Um partido não tem apenas o objetivo eleitoral. Tem outras funções. No exercício dessas funções, ele tem que desenvolver atuação permanente. Por outro lado, essa atuação não pode ser dispersa, tem que ser orientada, tem que visar a determinados objetivos. A fixação desses objetivos é importante, porque se esses objetivos não forem claros, não forem bem definidos e não estiverem ao alcance do Partido, se forem objetivos utópicos, de nada adiantam. Temos que ser realistas, temos que traçar bem nossos objetivos.

Quais são, porém, os objetivos do Partido? Bem, o Partido da Revolução tem que assegurar os meios para que essa Revolução permaneça. Permaneça no bom sentido, isto é, no de fazer com que o País evolua, que o País se desenvolva, que o País cresça, que o povo cada vez tenha maior bem-estar. Este, o objetivo permanente. E agora, qual o objetivo imediato, o objetivo atual? É ganharmos as eleições. Porque se não ganharmos as eleições, não realizaremos esse outro objetivo maior que não podemos perder de vista. O objetivo imediato que temos à frente é, pois, ganhar as eleições de 76, derrotar o adversário, e vencê-lo lealmente. Essa ação persistente, essa

fixação de objetivos — o objetivo geral, permanente, e o objetivo imediato — é fundamental. É preciso que nos compenetremos disso: isso tem que estar na massa do sangue, tem que haver empenho com alma e, se nos convencermos disso, nosso trabalho será realizado com mais facilidade. E antes de convencermos aos outros, temos de nos convencer a nós mesmos. Vamos trabalhar. Aqueles que se filiaram ao Partido, e que hoje em dia são em grande número, verão que têm responsabilidades. Eles são da ARENA, não apenas porque quiseram assinar uma ficha de inscrição, mas são da ARENA porque querem trabalhar pela ARENA, porque conhecem a responsabilidade do Partido.

E vamos trabalhar com o povo através do Diretório Nacional, dos Diretórios Estaduais e Municipais. O Brasil tem um número ponderável de eleitores. Admito que temos a cada ano mais de um milhão de eleitores novos.

E há que destacar os trabalhadores, destacar as mulheres, às quais absolutamente nunca faltou acuidade política. Ao contrário, as mulheres têm uma capacidade de trabalho político que talvez seja até bem maior do que a dos homens. E temos os moços, esses mais difíceis, já porque, sendo moços, não conhecem bem o passado; das agruras que nós vivemos, das experiências negativas que tivemos em outras épocas, os moços não se lembram, e possivelmente nelas não acreditam. Se formos contar certas histórias para eles, algum dia, dirão: «Ah,

isso é coisa de velho, é coisa de gente desencantada, de gente vencida.»

Por outro lado, o moço é idealista. Ele sonha, ele acha que sozinho vai resolver todos os problemas. O ideal é bom, o que ele não tem é experiência. Quer dizer, então, que o trabalho de catequese do moço é importante e patriótico, pela massa de moços que existe e pelo idealismo que neles se deposita e porque são os homens de amanhã. É a geração que vai nos substituir futuramente no Governo, e que tem que se preparar. Ela não pode ser improvisada. Se deixarmos um lapso, um hiato, na formação de homens públicos, vamos sofrer o que o Brasil sofreu depois da ditadura de 37. Passaram-se não sei quantos anos sem que os homens mais moços praticassem a vida pública. Vê-se, por aí, que a catequese dos moços é importante, bem assim a dos trabalhadores.

Há um projeto apresentado pelo Senador Petrônio Portella, a que nós temos que dar curso, no sentido de criarmos Departamentos, assegurarmos a esses moços uma vida partidária, e sobretudo assegurar a eles direito de participar da chapa. Eles têm que ter o direito de participar da direção dos diferentes órgãos do Partido e têm o direito também de ser eleitos. É esse um extraordinário campo de trabalho.

Agora, quais são os instrumentos que temos para realizar esse trabalho? De um lado, o Programa do Partido. Porque fizemos um programa e esse programa é para valer: vamos trabalhar com ele; se ele tem coisa ruim, vamos aperfeiçoá-lo. Esse pro-

grama não pode ser permanente, de forma absoluta, terá constantes reajustamentos. Admito que, sendo o primeiro programa que de fato o Partido tem, pode apresentar falhas, erros, lacunas, defeitos. Nosso trabalho é aperfeiçoá-lo, mas esse Programa do Partido é o primeiro instrumento que temos de usar em nosso trabalho de catequese.

O segundo instrumento são as nossas lideranças. Ocupei-me bastante em ajudar a organização dos Diretórios, para que houvesse participação das diferentes lideranças, não apenas daquelas que representam a maioria, mas de outras lideranças, mesmo com menor projeção, no sentido de que tivessem o direito de participar. Somos um Partido aberto. E essas lideranças é que vão trabalhar. É o segundo instrumento.

O terceiro, que é também relevante, e que não temos usado adequadamente até hoje, são as nossas realizações. O que temos feito, o que o Governo tem feito — é patrimônio do Partido. Não é patrimônio dos Presidentes da República. É patrimônio nosso como Partido — repito — porque, evidentemente, se o Governo não tivesse o Partido, só se poderia realizar uma grande e ampla obra num país em ditadura. Se realizamos tudo isso, foi porque o Partido constituiu a base indispensável. Como? Através dos votos, através do apoio do Legislativo e do apoio popular que se transmite ao Governo. Quanto a essas realizações, o Partido não deve ter constrangimento em considerar-se partícipe, pois

elas são também do Partido e não foram usadas adequadamente.

O que o Governo tem feito nesses onze anos vale a pena ser estudado e bem proclamado pelo Brasil afora. Pois é muita coisa. As realizações são grandes. Bem levadas ao povo, o povo sentirá a verdade do que foi feito e perceberá, em meio às suas dificuldades, o que essas realizações significam. Há necessidade de aplicarmos, no campo político, o processo comum de avaliação. Sempre que avaliamos alguma coisa, comparamos. Só conseguiremos o sentido de qualquer grandeza através da comparação. Pois bem, nas realizações do Governo, a população do País tem que comparar. A situação é ruim? Mas era pior. Logo, o Governo realizou alguma coisa. O povo vai olhar sempre como era antes, como é hoje. Este trabalho comparativo é essencial. Porque se quisermos julgar as coisas no sentido absoluto, estará tudo sempre ruim. Em qualquer fase da vida do País todo o mundo quer ser rico, e não pode ser; todo o mundo quer ter automóvel, e não pode; todo o mundo quer ter comida à vontade, barata, e não tem. Por isso é preciso comparar. Temos que comparar para ver se melhorou, ou não melhorou. Comparar aqui dentro, no País, e comparar com o que acontece lá fora. Cumpre, também, mostrar o que está sendo feito e o que se projeta realizar nos próximos anos.

Acho que esses instrumentos — o programa do Partido, a ação das Lideranças e a divulgação sin-

cera das realizações — são três instrumentos de alto valor e que, bem realizados, poderiam ser decisivos no esclarecimento da opinião pública e na campanha de arregimentação. É possível que haja outros e que, no momento, não me ocorrem. Na questão geral da ação partidária, ainda há outro ponto que é vital: o da contrapropaganda, da ação que temos de desenvolver, para nos opormos à propaganda que o adversário faz. Nesta propaganda, a Oposição faz uso — talvez a eles isso pareça ser lícito — de dois meios que me permito classificar como mitos e mistificações.

Mas temos que desmascarar esses mitos e essas mistificações. Os mitos são principalmente dois: primeiro, o de que a Oposição ganhou as eleições de 74. Não é verdade. Eu já disse por várias vezes: a Oposição teve êxitos, êxitos marcantes, e até inesperados, tendo realizado progressos substanciais, mas a eleição quem ganhou foi a ARENA. A Soma dos votos proporcionais, nos diferentes Estados, é bem favorável à ARENA. A ARENA fez de novo maioria no Congresso e na maior parte das Assembléias. O voto partidário, em sua maioria, foi dado à ARENA. E nós nunca exploramos devidamente isso. Então, espalha-se o mito: «A Oposição venceu.» E baseado nisto, vem o segundo mito: o de que a Oposição «já ganhou» a eleição de 76.

Como se a ARENA fosse um partido batido, lê-se nos jornais, em toda parte, em manchetes, o que normalmente dizem: «A ARENA perdeu». Ora, isto é um mito que visa apenas à mobilização psicológica,

na crença de que todo mundo gosta de ficar do lado do vencedor. E esse lado será o nosso, legitimamente.

Vamos ganhar a eleição. Temos que fazer o esforço de destruir este mito, que está sendo instilado como um veneno, todo dia. Alguns órgãos de publicidade, cada qual com seu motivo, estão plantando essa versão no espírito do povo. Vamos lutar contra isto, mostrar que não é verdade. Que não perdemos a eleição de 74 nem vamos perder a de 76.

Examinemos as mistificações, pois toda a falsa propaganda é feita à base da mistificação. Primeira delas: Tudo que o Governo está realizando no quadro social e que todos reconhecem que é muito, dizem que é do programa da Oposição. Eu, os meus auxiliares, os senhores no Legislativo, apoiando essas iniciativas, não estaríamos fazendo nada mais do que realizando o programa da Oposição. Não é o que espalham? Ora, se fosse assim, isto seria motivo para a Oposição aderir à ARENA.

A verdade é que estamos realizando exatamente o que está no II Plano Nacional de Desenvolvimento, e a aprovação deste Plano é anterior à campanha da Oposição. Quer dizer, na verdade, que a Oposição, quando fez a campanha para as eleições de 74, se valeu dos princípios do II PND. Apossou-se, na sua campanha, de soluções que preconizávamos e previamos no II Plano. Claro que isso é uma mistificação. E é preciso desmascará-la, como as demais.

Vou citar outras. Segue-se a mistificação, em face dessa crise que o mundo atravessa, e que se

resume em propagar que as realizações dos Governos Revolucionários não existem. Ora, é muita ignorância, ou muita má-fé, se não ambas. É não querer olhar o que é o mundo e como se transforma em poucos anos. É não querer olhar o que é o Brasil, não admitir que uma situação econômica evolua, rapidamente, para melhorar, ou involua para pior, como na verdade acontece. É não admitir que um país como o Brasil, ainda nos primeiros estágios de seu desenvolvimento — o que todos admitimos — sofra influências externas.

O Brasil progrediu extraordinariamente de 1964 até 74, inclusive o ano passado, e ainda está progredindo. É evidente que o ritmo decaiu. É evidente, a quem olha o mundo, que as dificuldades aumentam, e examinei bem a questão em meu último discurso. Mas afirmar daí que tudo o que se disse do progresso do Brasil nos últimos anos é uma mentira, uma inverdade, é ter muita coragem. É preciso muita ousadia para dizer uma coisa dessas.

Outra mistificação que também estão procurando inculcar no espírito do povo é a que tem relação com o custo de vida. Parece que a Oposição quer agora desencadear uma espécie de campanha contra a alta do custo de vida. Ora, todos nós lutamos contra o custo de vida, todo o tempo, principalmente o Governo, mais do que ninguém, porque tem responsabilidade.

Há muito vimos lutando contra a inflação. Temos feito esforços muito grandes. As causas da inflação são conhecidas. Há causas internas e causas

externas. À inflação externa não somos imunes. Ela fatalmente traz seus reflexos até nós. Além disso, temos causas internas, entre as quais está até mesmo a correção monetária, o remédio necessário que se formulou para atenuar a inflação, e que, no entanto, é fator de realimentação.

Tivemos novos surtos ultimamente, principalmente como efeito das condições meteorológicas, que nos têm sido extraordinariamente desfavoráveis. Este foi um ano difícil para o Brasil. Tivemos geadas, inundações em toda a parte. Ainda há poucos dias, houve uma tromba d'água na área norte do Estado do Rio de Janeiro. E ainda inundações recentes em Blumenau. Perdemos grande parte da safra de trigo, com chuvas inteiramente irregulares, que se verificaram no sul do País. Durante dois meses, choveu no Rio Grande do Sul, quase sem parar. Tudo isto tem reflexo negativo na produção.

Sobre o custo de vida, portanto, quem menos pode falar é o adversário, que até hoje não propôs uma medida, um projeto de lei, ou apresentou uma sugestão qualquer, visando a combater a inflação. Ao contrário, os projetos de lei que a Oposição apresenta no Legislativo são quase todos projetos de favorecimento e inflacionários. A começar pelo projeto de aposentadoria aos 25 anos. Quanto ao Governo, afirmo-lhes que combate a inflação.

Levantam também o problema salarial. Diz a Oposição que quer compensar a inflação pelo salário, e acha que os salários que estamos fixando são insu-

ficientes. Primeiro, aumento de salário não é remédio: a corrida entre salários e inflação é um círculo vicioso, que anda e desanda e não chega a qualquer resultado positivo, e que nunca chegou em parte alguma. Em segundo lugar, trata-se de equívoco a afirmação de que estaríamos massacrando o povo «através dos salários». A verdade dos números é que nunca se deram aumentos salariais tão substanciais como se tem dado este ano. Não só o Governo promoveu, como obteve o apoio do Legislativo para modificar a fórmula salarial. Os aumentos de salários que têm sido fixados desde janeiro são sempre muito superiores ao aumento do custo de vida no período considerado. Ainda hoje solicitei dados atualizados a esse respeito e, se me permitirem, vou mostrá-los para poderem avaliar a realidade.

Se tomarmos o aumento do custo de vida sempre durante o período de um ano, veremos que o máximo a que chegou foi de 32,7%, de janeiro a janeiro, isto é, de janeiro de 74 a janeiro de 75. Estamos tomando o custo de vida na cidade do Rio de Janeiro, e o mínimo que se teve foi no mês de maio, de 25,4%. Quer dizer, o custo de vida então, tomando sempre o período de um ano, variou de um máximo de 32,7% a um mínimo de 25,4%. Em setembro último foi de 29,5%. Cresceu outra vez, inclusive em decorrência das condições meteorológicas desfavoráveis a que nos referimos. A variação durante o ano, considerando-se o período de um ano atrás, foi de 25,4%, como mínimo, a um máximo de 32,7%. Pois bem, os salários neste mesmo período variaram de

um mínimo de 37% de aumento para um mínimo de 44%. Em janeiro foi de 43%. Em fevereiro, de 44; março, de 44; abril, de 42; maio, de 38; junho, de 37; julho, de 35; agosto, de 34 e setembro, de 36%. Por conseguinte, o percentual de aumentos de salários foi sempre da ordem de 7% a mais do que os aumentos correspondentes ao custo de vida.

A despeito disso, a Oposição mistifica. Diz que estamos tratando os operários com salários baixos. E não propõe nada para melhorar o custo de vida. Pelo contrário, o que se observa é que alguns representantes da Oposição vivem pedindo que se aumente o preço do arroz, que se aumente o preço da carne, que se aumente o preço da soja, que se aumente o preço do milho, que se aumente o preço do frango. Querem que todos os produtos sejam majorados no preço, porque os produtores, nos Estados, estão interessados nisso. E os consumidores, que somos todos nós, queremos diminuir o preço.

Note-se que o Governo tem feito um esforço extraordinário no sentido de desenvolver a agricultura, de desenvolver a pecuária, de termos boa produção de alimentos e, sobretudo, esforço no sentido de melhorar a produtividade. Porque só podemos ter alimentos mais baratos se aumentarmos a produtividade. O esforço que o Governo tem feito através do Ministério da Agricultura neste sentido, através do Banco do Brasil, em matéria de financiamento, não creio tenha havido na história da República esforço igual. Isso porque partimos do princípio de que a industrialização do País não é suficiente.

O Brasil só será um grande país quando tiver uma agricultura desenvolvida e racional, como ocorre em outros países. É notório que todas as grandes potências do mundo são grandes produtoras agropecuárias. Vejamos os Estados Unidos, que são grande potência, inclusive na agricultura. A Europa vem praticando a agricultura há tantos séculos, sempre no mesmo solo. É porque se trata de uma agricultura que faz uso de tecnologia avançada. E vamos caminhar para isso. Pois bem, apesar de todo esse esforço, a Oposição culpa sistematicamente o Governo pelo custo de vida. É outra mistificação que temos de destruir. Não podemos aceitar isto.

Mais uma que apareceu nestes últimos dias: a Oposição reclamando a reforma da Justiça. Tenho a primazia de ter lançado a idéia da reforma da Justiça, e me desculpem a imodéstia, mas fui eu. Ao visitar o Supremo Tribunal Federal, tive a oportunidade de lançar, de público, a necessidade de reformarmos a Justiça. A idéia foi bem acolhida pelos Senhores Ministros, que concordaram comigo em que a Justiça brasileira era arcaica e morosa, que precisava ser modificada, precisava ser alterada. Pedi-lhes então que me preparassem um diagnóstico, que servisse de base para pôr em prática a reforma. Esse diagnóstico chegou às minhas mãos depois de um ano e tanto de trabalho. Isso porque o encargo foi realmente difícil. E é sempre assim quando se quer resolver um problema e não apenas discursar a respeito dele. Hoje o diagnóstico está sendo examinado e progressivamente serão propostas as medidas

para a tão necessária reforma da Justiça. Pois bem, a Oposição agora quer ter a paternidade da reforma da Justiça. Nunca se ocupou disso, apesar de grande parte de seus representantes no Congresso serem bacharéis, tendo tido, como advogados, contato diário com a Justiça. Todos achamos que é preciso reformar e modernizar a Justiça, mas a paternidade de reforma é da ARENA, não da Oposição. Ela não tem o direito de tocar irresponsavelmente neste assunto. É outra mistificação. Agora, o Governo é omisso porque não reforma a Justiça como a Oposição quer.

Por último, ainda veio esta questão recente dos contratos de serviço da PETROBRÁS, com cláusulas de risco. Eu mesmo disse em meu discurso na televisão que é matéria discutível: há opiniões a favor, há opiniões contra. Mas a Oposição quer transformar isto num grande problema emocional. Quer reviver um cenário que ocorreu há mais de vinte anos, quer mobilizar a opinião pública em torno de um falso nacionalismo. O que há vinte anos era uma realidade, hoje é diferente.

O Brasil de hoje é muito diferente. O mundo é completamente diferente. O problema do petróleo, hoje, também é diferente. É preciso analisar com frieza e colocar a questão nos devidos termos. Alguém pode ser a favor ou contra, mas não queira transformar o problema em questão emocional, porque assim é pura demagogia. Talvez achem que, como há vinte anos se polarizou a opinião pública em torno do petróleo, hoje em dia a Oposição conse-

guiria criar novamente essa polarização, essa mobilização, totalmente despropositadas. Não creio que eles tenham capacidade para isso, nem creio que o povo brasileiro siga atrás deles sob essa bandeira.

A bandeira real que nós do Governo estamos defendendo é o interesse do Brasil. Apenas o interesse do Brasil. O Brasil precisa ter combustível, não importa mais se este combustível é tirado do solo diretamente pela PETROBRÁS, ou se é tirado sob a forma indireta, ainda pela PETROBRÁS, através de outra empresa contratada. E o pior é que muitos discutem, arvoram a bandeira sem saberem nem do que se trata, na mais absoluta ignorância do problema. E na preguiça mental de estudá-lo, de ver como é realmente o problema, de abrir um livro e vê-lo tal como é.

Finalmente, há um último ponto que de vez em quando ressurge, que é sempre o das «aberturas». Falam muito em «distensão», falam muito em «aberturas». Na minha opinião, a primeira abertura que está faltando não é «abertura política».

Há muitos anos o Brasil não tem tanta liberdade política como tem hoje. Os jornais escrevem o que querem, os políticos dizem o que querem, fazem os discursos que bem entendem. Todo mundo é livre no Brasil.

Só não é livre aquele que quer perturbar a ordem. Este vai para a cadeia, para o processo, pois o primeiro dever do Governo é assegurar um clima que permita o trabalho, porque só pelo trabalho é que podemos progredir. Liberdades gerais, como

há no Brasil, há em poucos países do mundo. Digo isto com absoluta convicção, e assim pensa também a grande maioria dos brasileiros de todas as regiões. Duvido que existam muitos países no mundo com a liberdade que se goza aqui.

A principal abertura que está faltando, e faltando muito, é a oposição abrir a janela e olhar para fora, olhar para o mundo, ver como o mundo vive, ver o que há de terrorismo, o que há de assassinatos, o que há de crimes, o que há de perturbações pelo mundo afora. Os brasileiros não sofrem disto.

Por que não olham e não vão ver o desemprego que existe nos países mais desenvolvidos? Por que não vão ver o problema de países que permanentemente estão paralisados por greves? Por que não vão olhar o que está acontecendo nos países comunistas? Por que não abrem as janelas?

Quem se enclausura num quarto e começa a divagar é apenas um teórico, não pode ser um realista, não pode querer conduzir um povo adulto debaixo de idéias geradas num ambiente em que se fecham de propósito. É preciso arejar, é preciso que a Oposição abra a janela e olhe para o mundo tal como ele é.

Não precisamos de mistificações. Podemos ser sinceros em nossos propósitos, de dizer a verdade, porque a nossa verdade é boa.

Acredito que, com esta verdade, vamos manter a adesão do Povo ao Partido e ao Governo, e dessa forma assegurar o bem-estar da coletividade nacional.

Muito obrigado pela visita que me fazem.